
AFETIVIDADE E INDISCIPLINA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE AGNES HELLER

AFFECTIVENESS AND SCHOOL INDISCIPLINE IN THE AGNES HELLER PERSPECTIVE

Patrick Tavares Júnior¹

Gilson Gomes Coelho²

RESUMO: O tema afetividade e sua relação com o ensino-aprendizagem têm sido abordado por inúmeros autores nos últimos anos. Isto é devido à importância da temática para o desenvolvimento humano, a afetividade é entendida como um fator que determina a motivação, aproximação e afastamento na relação professor-aluno. Como referencial, a teoria dos sentimentos de Agnes Heller foi abordada em detalhes para a compreensão da temática afetividade e indisciplina no contexto da escola pública. O objetivo foi estabelecer uma interface entre afetividade e indisciplina, por meio da concepção de professores sobre a temática proposta. O trabalho foi desenvolvido com professores de ambos os sexos em uma escola pública do município de São José do Rio Preto, localizada no estado de São Paulo. O delineamento da pesquisa foi um estudo de campo com o objetivo exploratório. A análise por sua vez, consistiu na interpretação das informações a partir dos pressupostos de Agnes Heller e posteriormente orientados da seguinte forma: primeiro estabeleceu-se a compreensão dos dados coletados, segundo os pressupostos da pesquisa foram confirmados e, por último, respondeu às questões formuladas. A indisciplina é vista de diversas formas pelos professores, mas em todas as formas são norteadas por afetividade, na maioria das vezes sentimentos negativos e essa afetividade é percebida em sala de aula na forma de expressão.

Palavras-chave: psicologia escolar; afetividade; indisciplina; professores.

ABSTRACT: The theme of affectivity and its relationship with teaching-learning has been approached by numerous authors in recent years. This is due to the importance of the theme for human development, affectivity is understood as a factor that determines the motivation, approach and distance in the teacher-student relationship. As a reference, Agnes Heller's theory of feelings has been approached in detail to understand the theme of affectivity and indiscipline in the public school context. The objective was to establish an interface between affection and indiscipline, through teachers' conception of the proposed theme. The work was developed with teachers of both sexes in a public school in the city of São José do Rio Preto, located in the state of São Paulo. The research design was a field study with an exploratory objective. The analysis, in turn, consisted of the interpretation of the information from Agnes Heller's assumptions and then oriented as follows: first the understanding of the collected data was established, according to the research assumptions were confirmed and, finally, answered the questions formulated. Indiscipline is seen in many ways by teachers, but in all forms are guided by affectivity, most often negative feelings and this affectivity is perceived in the classroom in the form of expression.

Keywords: school psychology; affectivity; indiscipline; teachers

¹Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP.

²Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Campus de Assis, Professor do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP.

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho teve como objetivo compreender a partir da perspectiva de Agnes Heller a afetividade e indisciplina escolar na concepção de professores de uma escola pública. Também teve como objetivo contribuir para a discussão a cerca da indisciplina escolar e compreender melhor a construção da relação afetiva e a dinâmica dos afetos entre o professor e o aluno na interface com a indisciplina.

O tema afetividade e sua relação com o ensino-aprendizagem têm sido abordado por inúmeros autores nos últimos anos. Isto é devido à importância da temática para o desenvolvimento humano, a afetividade é entendida como um fator que determina a motivação, aproximação e afastamento na relação professor-aluno, no que se refere aos processos de ensino. (BARROS, 2017; LEITE, 2012).

A base teórica utilizada nessa pesquisa foi a *Teoria dos Sentimentos de Agnes Heller* (1979), que entende a afetividade como à totalidade, é uma parte essencial do indivíduo. Em sua teoria a autora diferencia sentimentos, afetos e emoções. Entende os sentimentos como a relação do eu com o algo, desta forma, o “sentir” nada mais é que a interação do eu com o objeto, este objeto não é específico e pode ser qualquer coisa, outro ser humano, uma situação, um problema, algo concreto, algo abstrato, outro sentimento e etc. Este objeto pode ser também positivo ou negativo, quando é positivo o objeto implica algo agradável e o negativo implica algo desagradável. Em outras palavras, é a função psíquica que se caracteriza no diálogo entre o que está dentro de si e o que está fora de si implicando em reações boas ou ruins.

De acordo com Heller (1979) o pensamento e o sentimento são processos unificados e durante o desenvolvimento cognitivo esses processos se diferenciam apenas em seu funcionamento, são processos que se reintegram. Isto é, não pode haver pensamento sem sentimentos.

Nessa perspectiva, o homem não é um ser dividido entre razão e emoção, é um ser único que vive o “pensar” e o “sentir” juntamente. Sentimentos, afetos e emoções estão sempre presentes na relação do homem com o mundo e tudo que existe dentro dele de forma concreta e abstrata. (LEITE, 2012).

Por sua vez, Heller (1979) considera os afetos como um tipo concreto de sentimento (medo, ira, raiva, etc). Nessa compreensão, são de caráter social e se constroem nas relações,

vem de prescrições criadas na sociedade e não se fundamentam nos costumes, mas sim por normas e significados socialmente aceitos.

Os afetos são universais e expressivos, isso é possível de observar nas expressões faciais, em gritos, modulação de voz e em gestos. Heller (1979, p. 96) ressalta que, “reconhecemos sem nenhuma dúvida a expressão do afeto no rosto de indivíduos de qualquer nação ou raça, no entanto, não sabemos nada de seus valores, costumes ou maneira de pensar”. Já as emoções são acontecimentos intensos, os quais se manifestam no pensamento alterando a conduta do indivíduo.

No contexto educacional, os afetos tem um impacto significativo na educação, é fundamental na relação professor-aluno e acompanha todos os pareceres assumidos pelos professores dentro da sala de aula causando assim um impacto positivo ou negativo na subjetividade da criança e do adolescente, ou seja, quando positivo aproxima o aluno e quando negativo o afasta. (LEITE, 2012).

Novikoff e Cavalcanti (2015) na obra “*Pensar a potência dos afetos na e para a educação*” utilizam a teoria do conhecimento de Spinoza para discutir a questão do ensino, e a partir disso, apontam como um professor pode promover um “bom encontro”. Na perspectiva dos autores um bom encontro favorece o vínculo afetivo e auxilia na construção do conhecimento, servindo de ponte para o aprendizado. Assim, os afetos que resultaram desse encontro poderão ser positivos. Quando o afeto é positivo gera um aumento na potência do agir, podendo assim tornar um aluno motivado e dedicado, o oposto disso, um mau encontro pode diminuir a potência do agir, prejudicando a aprendizagem.

Na mesma obra, Nivikoff e Cavalcanti (2015, p. 102) assinalam que “O ambiente educacional é visto como um ambiente importante para promover interações entre o professor e o aluno, com a finalidade de produzir o desenvolvimento do indivíduo no sentido de torná-lo ativo.”

Assim podemos pensar que um bom encontro promove um impacto positivo no desenvolvimento do aluno, o professor torna possível a criação de possibilidades de estados de alegria entre os alunos, criando assim aberturas para lidar com a indisciplina escolar.

Spinoza (2009) entende os afetos como um movimento, passagem de um estado para outro, se caracteriza na ação do corpo³ que pode ser afetada de diversas maneiras pelas quais sua potencia de agir é aumentada ou diminuída “enquanto outras tantas não tornam sua potencia de agir nem maior nem menor.” (p. 99).

Os afetos podem cativar uma pessoa e assim é possível ter uma abertura para contribuir em seu desenvolvimento, além disso, os afetos são a base para uma criança desenvolver sentimentos como amor, compreensão e solidariedade que são primordiais para uma boa convivência em grupo. (REGINATTO, 2013).

O impacto do afeto na educação tem um peso grande quando a criança ou adolescente não tem uma boa estrutura familiar. Quando é o caso, o professor precisa transformar a escola em um lugar aconchegante e amigável. O afeto pode ser transformador na educação da criança ou do adolescente, fazendo com que ele se sintam bem, valorizado e respeitado. Passando a se desenvolver e participar de forma ativa e com mais interesse em seu processo de aprendizagem. (REGINATTO, 2013).

Como já foram apresentados, os afetos são de cunho expressivos e segundo Heller (1979) também contagiosos, o aluno consegue perceber um professor tenso, impaciente, grosseiro, triste ou nervoso, desse modo, fica difícil reagir de forma positiva estando em contato com afetos negativos. Por outro lado, se o aluno se depara com professores que exalam afetos positivos é certo que tentará fazer o mesmo para agradá-lo. (REGINATTO, 2013).

De acordo com Spinoza (2009) Um afeto só pode ser contido ou anulado por um afeto contrario mais forte que o afeto anterior. O autor explica que:

Um afeto, enquanto está referido à mente, é uma ideia pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menos que antes, de seu corpo. Assim, quando a mente é tornada de algum afeto, o corpo é, simultaneamente, afetado de uma afecção⁴ por meio da qual sua potência de agir é aumentada ou diminuída. Além disso, esta afecção do corpo recebe de sua própria causa a força para perseverar em seu ser, a qual, portanto, não pode ser refreada nem anulada senão por uma causa corpórea que afete o corpo de uma afecção contrária à primeira e mais forte que ela. A mente é, portanto, afetada da ideia de uma afecção mais forte e contrária à primeira, isto é, a mente será afetada do afeto mais forte e contrário ao primeiro, o qual, pois, excluirá ou anulará a existência do primeiro. Por isso, um afeto não pode ser

³ “Por corpo compreendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa.” (SPINOZA, 1677, p. 51).

⁴ Afecção é “a modificação de um corpo causada pelo encontro com outro corpo”. (SPINOZA, 1677, p. 111).

anulado nem refreado senão por um afeto contrário e mais forte. (SPINOZA, 2009, s/p).

Leite (2012) salienta que os afetos na educação são norteados pelo movimento de afastamento ou aproximação, nesta perspectiva tudo que o professor faz dentro da sala de aula produzirá um impacto afetivo positivo ou negativo na subjetividade da criança ou adolescente. Isto é, defende que todas as decisões tomadas pelo professor em sala de aula tem impacto direto no aluno, não só no plano afetivo, mas também em um plano cognitivo. “O professor não pode ser um mero transmissor de conhecimento, faz-se necessário que ele possa propiciar aos alunos a oportunidade de se transformarem em atores principais, sujeitos que contra-argumentem os fatos e tomem decisões acertadas” (PONTES, 2019, p.203). Para o autor a afetividade nesse contexto irá envolver sujeito (aluno), objeto (conteúdo escolar), mediador (professor).

O autor aponta a qualidade da mediação pedagógica como fator determinante na relação afetiva entre aluno e conteúdo escolar, ou seja, pode aproximar ou afastar o aluno. Quando a mediação pedagógica consegue aproximar o aluno do conteúdo escolar “o que chamamos de aprendizagem com sucesso, a qual é percebida pelo aluno – aumentam as possibilidades de se estabelecer um vínculo afetivo positivo.” (LEITE, 2012 p. 362).

Leite (2012) explica que, o oposto também acontece e se caracteriza no fenômeno conhecido como “fracasso escolar”. Do ponto de vista do autor, é consequência de um processo de mediação pedagógica, cujo produto final foi marcado pela relação afetiva negativa, ou seja, ocorreu um afastamento do aluno frente ao conteúdo escolar.

Portanto, a partir desta perspectiva as transmissões de afetos negativos podem prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, causando assim uma redução no interesse do aluno, dando vida ao sintoma da indisciplina que surge no interior da relação educativa. (AQUINO 1998).

A indisciplina escolar tem sido vista por diferentes aspectos, tais como o social e o psicológico. Aquino (1998) levanta hipóteses explicativas para o fenômeno, seria ele o aluno “desrespeitador”, o “sem limites” e o “desinteressado”. A indisciplina escolar aponta a recusa do indivíduo em relação às práticas pedagógicas no cotidiano escolar, nesse sentido o confronto simboliza a necessidade de mudanças, no interior das relações escolares e na relação professor/aluno.

Desse modo, o autor aponta a indisciplina como um tipo de resistência contra o sistema de ensino atual e mostra a importância de estabelecer um novo tipo de relação entre professores e alunos para que ocorram transformações nesse cenário.

Os pressupostos adotados sobre a indisciplina nos permitem:

Analisar as causas sobre a indisciplina, nos deparamos com diversos fatores e abordagens teóricas para compreender o fenômeno. Alguns estudos, como o de La Taille (1996), consideram a indisciplina em sala de aula como decorrente do enfraquecimento do vínculo entre moralidade e sentimento de vergonha; e este enfraquecimento explica diversos comportamentos dos alunos considerados indisciplinados. O autor cita um exemplo do aluno não sentir vergonha de suas balbúrdias pois não vê no respeito ao outro um valor a ser reverenciado. E chama a atenção para o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, para a criança e para a moral. La Taille (1996) propõe que deve-se reforçar na criança o sentimento de sua dignidade como ser moral e prepará-la para o exercício da cidadania. Aquino (1996) considera a indisciplina como um sintoma que surte no interior da relação educativa, podendo estar associada a uma carência psíquica do aluno. Tiba (1997) levanta outras várias causas para a indisciplina, tais como os distúrbios pessoais, as etapas de desenvolvimento, problemas de relacionamento, entre outros. (CUNHA, et al. 2009).

Partindo desse ponto de vista, a indisciplina é a falta de vínculos afetivos e a fragilidade do caráter afetivo, podendo assim evidenciar uma série de questões pessoais, morais e subjetivas. Tornando clara a ligação entre afetividade e indisciplina.

Para Reginatto (2013) a afetividade deve ser promovida, servindo de ação contra a indisciplina, o professor deve incentivar apoiar e aconselhar seus alunos. Os afetos positivos são essenciais para os alunos que chegam à escola tristes, desmotivados ou sem animo para o aprendizado. Nesse contexto quando o professor elogia sua postura positiva ressaltando seus valores, provavelmente está ajudando e construindo um ambiente agradável. Para alguns alunos este pode ser o único lugar onde poderá ter suas qualidades reconhecidas.

Assim, ao falar sobre criar um ambiente novo que dispõe de afetos positivos a autora fala de fortalecer o vínculo afetivo e combater a indisciplina com afetividade partindo do pressuposto de que os afetos são contagiosos confirmando hipóteses da teoria dos sentimentos de Agnes Heller (1979).

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com 10 professores, de ambos os sexos, em uma escola pública de ensino médio, do interior de São Paulo. A escolha dos professores se deu de forma

aleatória e os alunos foram apontados pelos professores, de acordo com sua visão de “indisciplina”.

O estudo foi exploratório e a primeira fase da pesquisa foi conhecer o local e o passo seguinte foi entrar em contato com alguns professores para explicar os objetivos da pesquisa, deixando livre para os professores expressarem ou não seu interesse em participar.

Com o intuito de buscar os afetos existentes na relação entre professor e aluno, foi adotada a metodologia qualitativa por melhor compreender os elementos simbólicos inerentes aos afetos. A pesquisa qualitativa foi escolhida por melhor representar esses construtos que não são acessíveis facilmente, ou seja, representar os elementos subjetivos que norteiam os pressupostos deste trabalho. Por considerar a subjetividade, o fundamento teórico metodológico que direcionou esse estudo veio da proposta da *Epistemologia Qualitativa de González Rey* (2005) que é fundamentado na lógica de que a pesquisa qualitativa é constituída.

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa compreende o conhecimento como produção e não como um aprimoramento linear, tem caráter construtivo-interpretativo, que leva a formação de um novo campo de realidade onde o real se produz a partir de nossa própria ação, “é um processo que deve começar com a incerteza e com o desafio, e não com o objetivo de verificar uma certeza definida a priori.” (González Rey 2005, p. 88).

A princípio, os professores participantes foram informados sobre os pressupostos e objetivos desta pesquisa e sobre o sigilo em relação às informações e às suas identidades, após assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os procedimentos utilizados por este método foram entrevistas abertas com os professores, seguindo um roteiro de orientação, a fim de, em um primeiro momento, apreender o universo dos significados afetivos e de indisciplina para os docentes e suas relações afetivas no contexto da indisciplina escolar.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais, foram orientadas por um roteiro de perguntas onde foi possível entender a percepção dos professores em relação à afetividade e indisciplina escolar. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um gravador, em seguida, as entrevistas foram transcritas e organizadas de acordo com categorias para a análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Caracterização da população

Para compreender o universo dessa temática na perspectiva dos professores nos interessava saber dentro da entrevista aberta quais os afetos positivos e negativos que experimentam dentro da sala de aula; a representação da atividade que exercem; seu entendimento sobre indisciplina; sua conduta em meio a situações inusitadas; seu ponto de vista a respeito da relação professor-aluno; o que sentiam e pensavam a respeito dos alunos indisciplinados.

As entrevistas aconteceram em diversos espaços, todos escolhidos pelos professores voluntários, entre esses lugares foram escolhidos a sala dos professores, o pátio, o laboratório e a própria sala de aula. Em seguida o termo de consentimento foi assinado e a gravação do áudio foi autorizada.

Algumas características dos entrevistados estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Dados dos entrevistados

Professores	Sexo	Disciplina
1	F	Inglês
2	M	Matemática
3	F	Biologia
4	F	Língua Portuguesa
5	M	Educação Física
6	F	História
7	F	Educação Física
8	M	História
9	M	Língua Portuguesa
10	M	Geografia

Fonte: Dados da pesquisa

A coleta de dados começou com a entrevista, e a partir daí foi solicitado para cada professor voluntário que falasse dos afetos positivos e negativos vivenciados em sala de aula, a representação do que significa ser professor, seu entendimento e definições acerca da indisciplina, suas formas de lidar com as situações inusitadas do dia a dia no âmbito escolar. Que perspectiva eles tinham a respeito da relação professor-aluno. Além disso, foi solicitado que falassem do que sentiam em relação aos alunos indisciplinados.

3.2. Afetividade na perspectiva do professor e a relação professor-aluno

As representações da atividade de ser professor se mostram muito amplas, segundo os entrevistados ser professor é ter responsabilidade com o aprendizado, ou seja, transmitir

conhecimento, transmitir no aluno vontade de aprender e ser um facilitador. Além disso, é também ser empático, mãezona, ser exemplo, mostrar para o aluno que a vida tem seus prazeres e seus desprazeres, mas, além disso, que sempre existem inúmeros caminhos. É também ajudar na construção de valores, personalidade, apresentar possibilidades, ser modelo e transmitir amor.

O sentido de ser professor é único para cada docente, apesar da subjetividade é possível observar que todos os relatos são permeados de uma representação positiva e que remete sentimentos bons.

O significado da afetividade e sua expressão na sala de aula foram descritos pelos professores enquanto relações, sentimentos, proximidade e empatia. Que é importante provocar no aluno o desejo de construir seu futuro. Sem a afetividade não há relação, não há ser humano, não há busca por significados, sem sentimento não há desejo por aprender. (SILISTINO, PEREIRA, COLEHO, 2017, p. 23).

Os professores relatam perceber a afetividade através da forma de tratamento, o carinho foi citado por quase todos os docentes. Entendem afetos positivos como afinidade e sentimentos.

Como que eu vejo isso? No jeito que ele fala, no carinho, no cumprimento com um beijo, na necessidade de ter um abraço, como forma característica do carinho externo. (professor 1).

[...] Os positivos são à proximidade, carinho, abraço. (professor 2).

Os afetos positivos, são os abraços, muitos abraçam a gente, muitos alunos se despedem quando vão embora e também cumprimentam quando chegam, já trabalhei em escolas onde os alunos não faziam diferença nenhum, não davam bom dia e nem tchau, aqui é comum, chegar e abraçar, beijar, dar bom dia, tchau, bom final de semana, acho isso muito positivo. (professor 9).

Na perspectiva de Heller (1979) o carinho percebido pelos professores é um sentimento vindo da interação professor-aluno. Segundo a autora a expressão de um sentimento tem como finalidade informar. Nesse sentido, é pela expressão do sentimento que podemos nos informar sobre o sentimento dos outros, é também através da expressão que a comunicação de sentimentos acontece e assim afetamos e somos afetados. A autora considera tom de voz, inflexão e os gestos como expressões essenciais para que esse tipo de comunicação aconteça. Sempre que um sentimento é comunicado recebe uma expressão como resposta.

Por outro lado, é possível observar no relato de alguns professores que dentro de suas convicções os afetos negativos foram associados a suas definições de indisciplina, que será abordado a seguir.

Então, eu percebo dessa forma, de outra forma já eu percebo que quando não há uma afinidade com o professor esse aluno ele não demonstra nenhum tipo de afetividade quanto a ele, inclusive ele demonstra essa falta de afetividade, de carinho e de comprometimento até com caras e bocas, torcendo o nariz, virando a cara. (professor 1).

Concretamente os enfrentamentos são negativos. (professor 2).

Os negativos acho que vem muito da família, por exemplo, eu não aguento um menino do tanto que ele fala palavrão, desgraça é o nome mais bonito que ele põe na boca, ele e tem uma turminha que fala um palavrão terrível, ainda comentei, “você estão em um ressurto de educação não podem falar isso, tem que manejar um pouco, ainda falei, vocês dois são namorados porque não é possível, o que está na boca de um está na boca do outro.” (professor 3).

Agora de negativo, a questão da malcriação, palavrão, nervosismo, raiva. Eles acabam refletindo aqui na escola o que eles vivenciam em casa. (professor 4).

Assim, é possível observar a clara ligação entre afetividade e indisciplina. A relação entre professor-aluno na prática é sempre carregada de sentimentos agradáveis e desagradáveis. (CASTRO, COSTA, 2012).

A afetividade não é apenas importante para construir uma boa relação dentro da sala de aula é também uma ferramenta para criar uma boa estratégia pedagógica, “um professor que é afetivo com seus alunos estabelece uma relação de segurança evita bloqueios afetivos e cognitivos, favorece o trabalho socializado e ajuda o aluno a superar erros e a aprender com eles.” (CASTRO, COSTA, 2012, p. 635).

É através da afetividade que nos identificamos e nos relacionamos com outras pessoas. Por isso, uma criança carente de afeição tende a encontrar dificuldades para se entrosar e se relacionar com as demais, o que acaba impedindo-a de participar adequadamente do processo de ensino aprendizagem. É muito importante que o professor tenha consciência da responsabilidade de contribuir para a construção da personalidade de uma criança. Por isso, precisa estar atento à realidade de cada aluno, levando em consideração seu ambiente familiar e seu lado emocional. Quando um professor desconsidera a importância do afeto, está contribuindo para formar um indivíduo indiferente. Professor e aluno precisam estabelecer uma relação de amizade, respeito e confiança, e para isso, a afetividade é fundamental. (REGINATTO, 2013, p. 2).

3.3.A definição de indisciplina na perspectiva do professor

Foi possível observar dentro dos relatos inúmeras definições e características do aluno indisciplinado. Tais como: aquele aluno que ignora o professor, desinteressado, desafiador, desmotivado, que não tem suas expectativas correspondidas, que foge do combinado independente de qual seja, que não sabe se portar em sala de aula, que não respeita, que não tem vontade de aprender, que está perdido em relação ao futuro, que conversa muito, que não tem comprometimento, mal-educado e que não entende o propósito de estar em sala de aula.

A maior parte dos entrevistados relatou como justificativa da indisciplina em sala de aula a questão da desestrutura familiar, outras causas pertinentes segundo os professores são: a idade, um momento vivenciado, um reflexo, uma fuga da realidade, falta de perspectiva de vida, contexto histórico e questões sócias.

No dizer de Reginatto (2013, p. 4):

Nada pode suprir ou substituir o amor e a atenção familiar. O vínculo afetivo é muito mais intenso do que em outros casos. Um indivíduo pode até encontrar alternativas que amenizam a carência provocada pela ausência de uma família, mas certamente não a substituirá.

A autora enfatiza a importância da família como base da personalidade, os referenciais de um aluno se encontra em sua esfera familiar. Isto é, a indisciplina expressada pelo aluno em sala de aula é um reflexo da negatividade vivenciada no ambiente familiar. “Daí vem a importância de o professor investigar e saber com que tipo de público está trabalhando, e tentar se informar acerca da realidade dos seus alunos.” (p. 9).

Segundo Silva (2004 apud Souza; Peres, 2014, p.8) apenas responsabilizar a família pela indisciplina não resolve o problema, é importante ressaltar que a família como qualquer outra instituição societária é apenas mais uma vítima das condições objetivas de vida.

Nas entrevistas os docentes falaram um pouco de suas estratégias pedagógicas para lidar com as situações inusitadas relacionadas à indisciplina dentro da sala de aula. Que são: chamar atenção do aluno, tentar barganhar. Tentar se aproximar do aluno de diversas formas: através da linguagem deles, diálogo, agir com coerência, ter calma, bom senso e equilíbrio. Foi relatado também atitudes extremas como, por exemplo, perder a paciência e lidar com a situação aos gritos. Alguns professores ao invés de mencionarem suas estratégias mencionaram como se sentem nessas situações em questão. Alguns dos sentimentos relatados foram: nervosismo, estresse, medo, vontade de dar risada, constrangimento e raiva.

As estratégias para lidar com a indisciplina têm como objetivo, segundo Sandri (2014).

Não somente amenizar ou solucionar questões de conveniências entre alunos na escola, mas atuar na reorganização do desenvolvimento da aprendizagem. A intervenção, em contexto de indisciplina, pode ser entendida como estratégia de atuação que integra diversas práticas pedagógicas, que podem partir tanto da organização da escola quanto do professor em sala de aula (p. 7).

De acordo com (Kramer 2008 apud Castro e costa 2012, p. 638) uma relação professor-aluno deve estar carregada de afetos positivos e de valores como respeito e admiração que tem como finalidade favorecer o estabelecimento de um ambiente escolar afetuoso que sucessivamente promove à disciplina.

3.4.A relação professor-aluno-indisciplinado

Nesta parte da análise foi possível perceber os afetos negativos existentes na relação do professor com o aluno indisciplinado. Foi possível perceber através dos relatos o que sentiam ou pensavam a respeito dos alunos indisciplinados, sete deles manifestaram algum tipo de afetividade em relação a esses alunos, e a tristeza foi o sentimento que mais apareceu:

Eu fico muito triste, porque essa falta de perspectiva é bastante viu, eles chegam aqui totalmente perdidos, eles não sabem o que querem da vida, isso já deveria ter sido inserido na vida deles na própria família, mas se a família não tem perspectiva como ela vai passar para você uma perspectiva de vida, às vezes o pai e a mãe estão tão preocupados em colocar o arroz e o feijão dentro da casa, aquela vida acumulada que tem e não param para conversar com os filhos. (Professor 7).

[...] deixa a gente muito triste porque alguma coisa esta errada ali. (Professor 1).

Em algumas entrevistas ao pensar nos alunos indisciplinados percebemos que a emoção de pena aparece varias vezes em seus pensamentos:

Eu tenho dó, porque no fundo no fundo eles têm um abandono e uma carência enorme, aí na hora que você começa a conversar com eles acabam contando para a gente do abandono familiar, agressão, carência às vezes financeira, eles são agredidos, então eles passam o que eles receberam. Eu tenho dó. (Professor 4).

[...] mas as vezes a gente tem dó de ver as atitudes, de você falar e não entender, você fala e não entende, é muito preocupante, que são os caminhos que eles tomam, e é o Brasil, só podia ser. (Professor 3)

Eu tenho dó, tenho dó porque a minha filha eu converso muito com ela, e eu percebo que alguns alunos eles não têm apoio familiar, então eu tenho dó. (Professor 6).

Nestes relatos, pena aparece como emoção, de acordo com Heller (1979) pena pode surgir como expressão do sentimento de tristeza. Surgir como expressão significa que para a autora os sentimentos têm formas secundária gerando assim emoções que são derivados de outros sentimentos, dessa forma a tristeza pode gerar uma emoção de pena.

Para Heller (1979) o sentimento é a relação do eu com o algo, foi analisado a relação do professor como (eu) na relação com o aluno (algo) e além de tristeza, os professores relataram também se sentir: desmotivados, incomodados, agredidos e frustrados.

O sentimento de tristeza é despertado por concepções diferentes dos comportamentos de indisciplina, evidenciando assim a subjetividade dos indivíduos.

O afeto de raiva aparece no relato de alguns docentes no momento em que vivenciam alguns episódios de indisciplina em sala de aula, no entanto, quando pensam nesses alunos indisciplinados a maioria sente tristeza e dó, deixando clara a relação existente entre afetividade e indisciplina.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos todos os relatos, é possível observar que o destaque dos professores e a preocupação em tentar manter um vínculo afetivo com os alunos, no entanto, mostram dificuldades quando se deparam com uma afetividade de cunho negativa, nesse sentido, mostram não ter muita noção de como lidar com seus afetos e com os afetos dos alunos.

É importante evidenciar a necessidade de criar espaços para elaborar a questão afetiva na escola, tanto para os docentes como para os alunos. Destacamos o papel do psicólogo escolar que, longe de “resolver problemas de aprendizado e de conduta”, estereótipo maior dessa função, deveria atuar no sentido de assegurar, de forma preventiva, a prevalência de momentos em que tanto professores quanto alunos pudessem manifestar toda essa gama de emoções e sentimentos, obter escuta para suas expressões e poder, assim, elaborar tudo isso através de um processo de conscientização sobre aquilo que vive e por que vive de uma determinada forma. É importante que esses momentos possam ser proporcionados como rotas de expressão de suas dificuldades escolares, afetivas e sociais. (SOUZA, PETRONI, ANDRADA, 2013, p. 536).

A psicologia escolar se preocupa diretamente com a atuação do professor em sala e os resultados advindos dessa interação, ou uma inter-relação professor/alunos/escola. É neste

contexto que a psicologia escolar pode contribuir para a compreensão da indisciplina e diversas questões educacionais complexas, porém necessárias para o desenvolvimento do ensino.

Sugiro que outras pesquisas sobre o assunto sejam realizadas, e para futuros trabalhos, sejam investigadas as relações dos afetos dos professores com os colegas de trabalho, escola e os impactos desses afetos que norteiam essa relação em sua prática pedagógica diária. Outra sugestão é que em futuros trabalhos sobre o tema sejam pesquisados os próprios alunos considerados como indisciplinados para melhor entendimento e visão mais ampla sobre afetividade. O presente trabalho não foi capaz de contemplar os afetos dos alunos em suas próprias perspectivas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M.A.M. Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. **Cadernos de Psicopedagogia**, v.6, n.11, p. 0-0. Recuperado: 02 jun 2012. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141385572008000200020&script=sci_arttext> Acesso em: 15 mar. 2018.

AQUINO, J.G. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p 181-204, 1998.

BARBOSA, D.R; SOUZA, M.P.R. Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 163-165, 2012.

BARROS, F.R. **Impactos afetivos das práticas pedagógicas no ensino superior: o olhar dos alunos**. 2017. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – Campinas, 2017.

CASSINS, A.M. et al. **Manual de psicologia escolar – educacional**. 21. ed. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007.

CASTRO, D.; COSTA, J. B. O. Afetividade e sua relação com a indisciplina em sala de aula na perspectiva docente. **Colloquium Humanarum**, v. 9, p. 632-640, 2012.

CUNHA, M.F.P.C. et al. Indisciplina e a noção de justiça em adolescentes escolares. **Revista Educar**, Curitiba, n. 35, p. 197-210, 2009.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. 1 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

GUZZO, R. (org). **Psicologia Escolar: LDB e educação hoje**. São Paulo: Alínea. 2002.

HELLER, A. **Teoria de los sentimientos**. Barcelona: Fontamara, 1979.

LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012.

NOVIKOFF, C; CAVALCANTI, M.A.P. Pensar a Potência dos Afetos. **Revista Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 88-107, 2015.

OLIVEIRA, M.I. Fatores psico-sociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n. 27 p. 289-305, 2009.

PATIAS, N.D; GABRIEL, M.R. **Psicologia Escolar/Educacional no Brasil**: como era e como é ou deve ser. Disponível:<<http://www.psicologia.pt>> Acesso em: 20 dez. 2017

PATTO, M.H.S. (Org). **Introdução à psicologia escolar**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

PONTES, Edel Alexandre Silva. A Capacidade de Gerar Soluções Eficientes e Adequadas no Processo Ensino e Aprendizagem de Matemática. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 8, n. 10, p. 193-205, 2019.

REGINATTO, R. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. **Revista de educação do ideau**, Uruguai, v. 8, n. 18, p. 1-12, 2013.

SANDRI, C. L. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2013. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Psicopedagogia) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

SILISTINO, R; PEREIRA, M. D; COELHO, G. G. O olhar de professores sobre a afetividade e indisciplina: o contexto de uma escola pública no município de São José do Rio Preto – SP. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 14, n. 2, p.14-25, 2017.

SOUZA, M. A; PERES, L.S. Indisciplina: um obstáculo à aprendizagem. **Cadernos PDE**, Paraná, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2014.

SOUZA, V. L; PETRONI, A. P; ANDRADA. P. C. A afetividade como traço da constituição identitária docente: o olhar da psicologia. **Psicologia & sociedade**. v, 25. n, 3, 527-537. 2013.

SPINOZA. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.